

CAPOEIRA, TERRITÓRIO E ESPAÇO VIVIDO: UM ESFORÇO DE ANÁLISE

CAPOEIRA, TERRITORY AND LIVING SPACE: AN EFFORT OF ANALYSIS

Elvis Reis de Oliveira

Mestre em Geografia pela Universidade
Federal do Espírito Santo
E-mail: elvisgeoufes@gmail.com

RESUMO

Objetivando analisar o processo de apropriação do território pela capoeira, neste trabalho o foco de análise é construído a partir da Geografia Cultural e do conceito de espaço vivido. A metodologia adotada apresenta um caráter bibliográfico, buscando problematizar os conceitos basilares que norteiam a pesquisa. O foco principal é justamente propor uma análise das relações que são estabelecidas entre os grupos de capoeira e os territórios apropriados. No decorrer do artigo é apresentada a capoeira enquanto uma manifestação cultural brasileira. As inúmeras manifestações vivenciadas no universo da capoeira propiciam a vivência de elementos que englobam a tradição e a ancestralidade conferindo ao território aspecto de mundo ou espaço vivido.

Palavras-chave: Capoeira. Território. Territorialidade. Espaço Vivido.

ABSTRACT

Aiming to analyze the process of appropriation of the territory by capoeira, in this work the focus of analysis is constructed from the Cultural Geography and the concept of lived space. The methodology adopted presents a bibliographic character, thus seeking to problematize the basic concepts that guide the research. The main focus is precisely to propose an analysis of the relationships that are established between the capoeira groups and the territory by these appropriate groups. Capoeira is presented in the course of the article as a Brazilian manifestation. The numerous manifestations experienced in the universe of capoeira provide the experience of elements that encompass tradition and ancestry, giving the territory an aspect of the world or space lived.

Keywords: Capoeira. Territory. Territoriality. Lived Space.

INTRODUÇÃO

Este artigo se desenvolve a partir das leituras, debates e problematizações realizada na disciplina Territórios Étnicos, ofertada pelo programa de Pós-Graduação em Geografia, cujo um dos objetivos era contribuir para o aprofundamento e atualização de questões relacionadas às configurações de territórios étnicos, colocando em foco suas múltiplas implicações.

Neste trabalho refletimos as relações que são estabelecidas entre a prática dos grupos de capoeira e o território por estes apropriados. Antes de adentrarmos na discussão sobre o território é importante salientar que pesquisar capoeira acaba por tornar-se uma tarefa que exige certo cuidado em relação à abordagem a ser adota tendo em vista o grande volume de materiais (monografias, artigos, dissertações e teses) a serem encontrados referentes à temática.

A capoeira apresenta como ponto central a sua multidimensionalidade, sendo que, muitos estudos destacam a capoeira como algo que está inserido no universo das manifestações populares (RADICCHI, 2013; FALCÃO, 2004), rica de movimentos e cultura, e bastante utilizada e propagada em nossa sociedade, sendo que, estes mesmos estudos destacam a necessidade de valorização pela sua importância como forma desportiva, e principalmente cultural e educativa. A capoeira estudada pelo viés da manifestação cultural é um assunto muito debatido que por conta da sua representatividade e importância, acaba recebendo as mais diferentes abordagens. Algo em comum entre essas diversas abordagens é o fato da capoeira ter contribuído de forma significativa para a construção da identidade e da resistência negra no Brasil.

Dentro deste contexto, podemos afirmar que a capoeira é constituída enquanto manifestação cultural uma vez que, se articula se complementa e se constitui com a história de luta de classe no Brasil escravocrata. Sendo

assim, a gênese histórica de sua criação e surgimento representam de forma emblemática a luta pela liberdade.

O interesse por abordar tal assunto surgiu a partir da relação do autor com a temática que envolve o mundo da capoeira. Originário do estado da Bahia, a capoeira sempre esteve presente em minha vida, tendo na família vários membros que a praticava. Na condição de estudante do Programa de Pós-Graduação em Geografia, tive a oportunidade de atrelar os saberes de minha vivência familiar com os conhecimentos adquiridos no decorrer de minha formação acadêmica seja na graduação, pós-graduação (*lato senso*) e no mestrado, propondo uma abordagem geográfica que envolve a relação de apropriação da capoeira com o território.

Sendo assim, neste percurso que está sendo traçado dentro do processo de pesquisa surgiu a seguinte problemática: Como é estabelecido a relação da capoeira e o território? Logo, o objetivo seria analisar o processo de apropriação do território pela capoeira, evidenciando os aspectos que esta prática revela ou não em relação à cidadania.

A metodologia adotada apresenta um caráter bibliográfico, buscando desta forma problematizar os conceitos basilares que norteiam a pesquisa.

Quanto à organização do texto, no primeiro momento iremos apresentar de forma breve a história da capoeira e na sequência iremos traçar uma reflexão envolvendo as categorias território, territorialidade e espaço vivido.

CAPOEIRA: UMA CULTURA LIBERTÁRIA

A capoeira, assim como o carnaval, samba e o futebol, faz parte do grupo de manifestações da atualidade que representa de forma emblemática a identidade cultural brasileira. A capoeira tem sua premissa fundamentada na vivência de africanos e seus descendentes no Brasil. A origem da capoeira é incerta. A tradição oral que foi passada por inúmeras gerações apresenta diversas versões, desde uma suposta ligação direta com

determinadas práticas africanas, como a “dança da zebra” e o “N'golo¹”, até uma versão romântica, em que o africano teria desenvolvido a capoeira como luta nas senzalas e a disfarçado em dança para evitar a vigilância dos senhores (BREDA, 2010).

É provável que a capoeira tenha surgido em um período de tempo imensurável, como uma síntese espontânea das diversas formas de ser e de viver das pessoas, que de certa forma reflete as vivências culturais e movimentos do corpo trazido até aqui pelos povos africanos, influenciada também, em menor escala, pelas culturas indígenas e européias.

Diante de todas as dúvidas que giram em torno da origem da capoeira, uma coisa é certa: a história da capoeira está intimamente ligada à história dos negros e negros do Brasil.

Um dos motivos que corrobora para dificultar o conhecimento sobre a origem da capoeira é salientado por Fontoura e Guimarães (2002, p.149), que afirmaram: “Ruy Barbosa, quando ministro da Fazenda, com o argumento de apagar a história negra da escravidão mandou incinerar uma vasta documentação relativa a esse período”.

Muito se argumentam sobre o surgimento da capoeira e que esta prática nasceu na África e foi trazida para o Brasil. Outros estudiosos relatam que a capoeira teve sua origem entre os escravos que aqui se encontravam ou, das pessoas que eram mantidas em regime de escravidão que queriam fugir das senzalas e para isso necessitariam defender-se dos capatazes. Porém, não há documentos que diz onde esta prática surgiu, nasceu ou fora criada e, nem se sabe ao certo se a capoeira nasceu na África ou no Brasil.

Em relação aos registros encontrados, as primeiras referências iconográficas fazem parte da obra Viagem Pitoresca ao Brasil (1839) datam

¹ [...] dança ritualística da região sul de Angola conhecida também como Mufico, Efico ou Efundula, é um ritual que marca a passagem das meninas à vida adulta, nesse ritual festivo consome-se bastante Macau, bebida derivada do cereal conhecido como massambala. No N'golo ou “dança da zebra” dois jogadores tentam atingir o rosto do adversário com o pé, o que condiz com os objetivos do jogo da Capoeira (YAHN, 2010, p. 259).

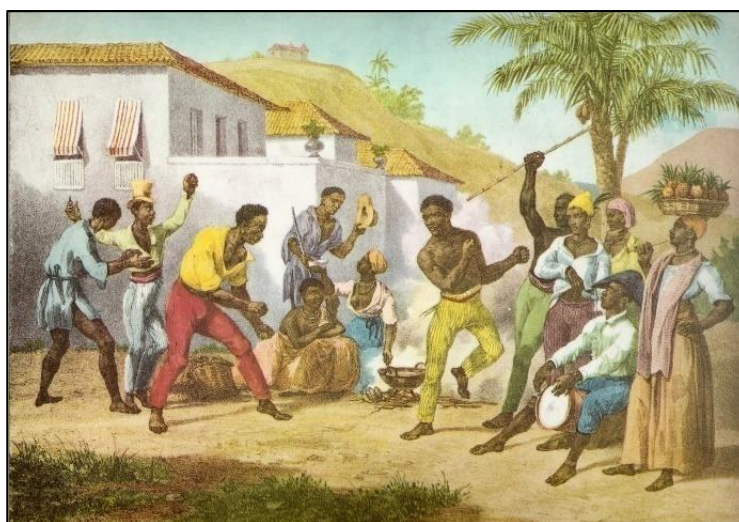
do ano de 1821. Trata-se de uma obra que faz referência a negros em combate do pintor Augusto Earle (Figura 1). Outras obras são do ano de 1835, do pintor Johann Moritz Rugendas (Figuras 2 e 3) (IPHAN, 2007, p. 14).

Figura 1 - Negros combatendo – Augusto Earle (1821 – 1824)



Fonte: IPHAN (2007).

Figura 2 – San Salvador – Johann Moritz Rugendas (1835)



Fonte: IPHAN (2007).

Figura 3 – Dança de Guerra ou Jogo de Capoeira - Johann Moritz Rugendas (1835)



Fonte: IPHAN (2007).

A capoeira durante muito tempo por sua ligação direta com os negros e negras do Brasil, era considerada como “doença imoral”, “ginástica degenerativa”, “vagabundagem” (FALCÃO, 2004), isso por que sua prática estava ligada diretamente à marginalidade, algo que era duramente reprimido por grande parte da sociedade.

O processo de transformação saindo de uma condição ilegal para um patamar mais aceito socialmente teve seu início na década de 1930, mesmo que de forma bem inicial, Getúlio Vargas, tomando o poder, derrubou o então presidente Washington Luis, permitiu a prática da capoeira em recintos fechados com o alvará da polícia. Dossar (1991, p. 23), afirma que, “a primeira academia que ensinou a capoeira formalmente foi estabelecida por Manoel dos Reis Machado em 1932”.

Mello (1996) em seus estudos aponta algo muito importante, o surgimento de uma pessoa que em sua trajetória de vida vai ajudar a reescrever a história da capoeira: Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba.

Mestre Bimba abandona os espaços públicos de aprendizado e institui a academia como local de realização da capoeira. É então criado o método que ele veio a chamar de luta regional baiana, caracterizado pelo abandono de alguns instrumentos da sua bateria, como por exemplo, o atabaque, na

tentativa de desvincular a capoeira das religiões de matriz africana. Com isso acreditava que o preconceito iria diminuir, tornando a capoeira mais aceita especialmente pela classe média e alta.

Outra mudança adotada neste período foi à institucionalização do sistema de cordel e graduação, os batizados e a incorporação de novos golpes advindos de lutas marciais.

Diversos autores, dentre estes Capoeira (1985), relatam a existência de diversos estilos de capoeira, contudo, os únicos de fundamentos são a tradicional angola e a regional. A capoeira angola teve como mestre de destaque Pastinha, e a capoeira regional Mestre Bimba.

Em seus estudos, Ferreira (2014) aponta que para além dessa dimensão histórica, a capoeira passou a ter outros significados, fora desenvolvida, aperfeiçoada e agregada valores ganhando assim espaços que outrora a criminalizava. Assim, a capoeira ganha outros aspectos e passa a ser incrementada não só com movimentos, mais também com valores o que com o passar dos anos promoveu sua entrada no campo educacional. Corroborando para esta reflexão, Ferreira (2014, p. 10), destaca:

A capoeira nos espaços escolares tem uma função múltipla, onde podem ser trabalhadas as várias áreas dos saberes, práticas pedagógicas e humanidades, trazendo também os atores da educação para a vivência histórica, cultural e a realidade de cada aluno e sua comunidade escolar, podendo ir além dos muros da escola.

A prática da capoeira permite a aproximação dos alunos com a cultura afro-brasileira, possibilitando realizar um trabalho de identidade, quando falamos em identidade é válido ressaltar que cada grupo de capoeira a vivência de modo particular.

Dentro do mundo da capoeira podemos encontrar diversas identidades, independentemente da forma como é vivenciado um aspecto merece ser destacado, a forma como essa identidade possibilita resgatar a cultura do país enquanto manifestação que possibilita a formação social,

levando a criança a entender que somos diferentes e múltiplos. Breda (2010, s.p) destaca que:

A Capoeira é uma arte com histórico de lutas pela emancipação negra, o que a legitima como uma manifestação cultural libertária por excelência. Enquanto prática educativa é nítida sua relevância quando observada a abrangência nacional que alcança, a inserção em todos os níveis sociais e sua adoção pelas instituições educativas, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

Este mesmo autor argumenta em seus estudos que a capoeira para muitos dos seus praticantes é a primeira ou até mesmo a única fonte de contato com a história do negro apresentada de forma que engrandece e valoriza o papel do negro diante da sociedade durante o processo histórico.

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

Neste trabalho abordaremos o território enquanto conceito de análise que engloba diversas ciências, em especial a Geografia. Todavia, é válido ressaltar que no campo geográfico ele só se torna objeto de análise a partir do momento em que é transformado em território utilizado, ou seja, espaço geográfico (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p.10).

Partimos do pressuposto que tal conceito vem sendo objeto de estudo desde o século XVIII, contribuindo de forma muito positiva para a história do Pensamento Geográfico. Ao estudarmos a história da Ciência Geográfica e sua relação com o território percebemos sua configuração enquanto um recorte analítico do espaço, este recorte nos remete a alguns aspectos que envolvem uma proposta mais positivista fundamentada principalmente no pensamento do geógrafo alemão Friderich Ratzel, onde suas ideias são concebidas dentro de uma perspectiva de área limitada, que estabelece uma relação de valorização econômica, onde o Estado atua como um regulador do território.

Neste momento utilizamos as ideias estabelecidas por Rocha e Almeida, (2005, p. 9), segundo as autoras o território é concebido como um produto da história da sociedade, sendo assim, está sempre em processo de mudança.

O território pode ser considerado como um conjunto de sistemas naturais acrescidos dos fenômenos históricos materiais impostos pelo homem. É formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, mais as bases técnicas e as práticas sociais. Os acréscimos são destinados a permitir, em cada época, uma nova modernização, que é sempre seletiva. Por exemplo, o acréscimo das ferrovias na segunda metade do século XIX e as infovias, hoje. A partir do Estado Moderno tudo isso se constituiu como base da soberania nacional e da competição entre as nações. Com a globalização, o território passa a ter mais importância ainda, pois o mundo possibilita multiplicar a produtividade com as técnicas contemporâneas através dos lugares conhecidos em sua realidade material e política, sendo que os lugares se distinguem pela diferente capacidade de oferecer às empresas uma produtividade maior ou menor (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p. 10).

Com o advento da Geografia Crítica o conceito de território ganha novas dimensões, passa a ser definido principalmente pelas relações de trabalho (ROCHA; ALMEIDA, 2005), estabelecendo concepções e debates, trazendo como foco a articulação do pensamento dialético materialista contribuindo desta forma para uma discussão que adentre ao campo filosófico (HAESBAERT, 2006).

Sendo Território e territorialidade as chaves para a reflexão de nossa problemática que envolve o universo da capoeira, tais ideias serão trabalhadas principalmente em consonância com autores que vem ampliando a leitura a partir de uma perspectiva integradora, não dissociando a abordagem política, da econômica e da cultural.

Portanto, pode-se definir que o território pode ser um constante devir, um objeto em permanente construção, formado a partir de interações múltiplas e, assim, pode ser entendido como a esfera que possibilita a existência da multiplicidade, onde “diferentes trajetórias coexistem” – como na visão de Massey (2008), que chega a criticar duramente, reputando como

incompletas e limitadas, quaisquer outras tentativas de conceber ou explicar o território.

Há, ainda, abordagens de caráter mais integrador, como a de Haesbaert e Limonad (2007), para quem o território é uma combinação de estruturas naturais e produzidas, uma construção social, histórica, econômica, política, cultural e simbólica. Tal perspectiva representa bem a multidimensionalidade do conceito.

Há também as perspectivas impregnadas de subjetivismo, como a de Lepetit (2001), que percebe o território como um contexto dinâmico, caracterizado pelo movimento de diferentes temporalidades. Por outro lado, os territórios também podem constituir sistemas estruturados, compostos por processos relacionais, ora impregnados de poder, como apresenta Raffestin (1993), ora de técnica, como defende Milton Santos (2006).

Dentre as diversas definições, uma das mais difundidas atualmente estabelece sua ligação com o poder, nas dimensões política e econômica, no entanto, podemos ler território como uma realidade de caráter humano e político da sociedade, justamente esta seria a proposta ao trazer tal discussão para o universo da capoeira.

É estabelecida como campo de pesquisa neste trabalho a abordagem do conceito de território que perpassa pelo campo da Geografia Cultural, que de acordo com Rocha e Almeida (2005, p.1), território é o lugar do vivido a partir do percebido e do concebido, ou seja, do mundo – vivido.

Seguindo a linha do pensamento das autoras supracitadas, Denise Maldini (1998) em seu artigo *A questão da territorialidade na etnologia brasileira*, traça uma abordagem a respeito da territorialidade que possibilita uma reflexão antropológica e geográfica, na medida em que contribui para a compreensão da formulação histórica e cultural sobre a diferença. Destarte tal afirmação a autora ainda afirma que a transformação do espaço em território é, basicamente, um fenômeno de representação, pelo qual os

grupos humanos constroem sua relação com a materialidade (MALDI, 1998, p. 2).

Tal abordagem nos permite dialogar com Santos (2004), onde o território não é somente o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e de coisas criadas pelo homem, este se torna um espaço carregado de valores o que pode possibilitar um sentimento de pertencimento, estabelecendo desta forma uma relação entre os grupos de capoeira e os territórios por eles apropriados. “A ideia de ‘pertencimento’ ligada ao território nos remete, por sua vez, à definição da territorialidade que, no seu limite, significa o que pertence a um território” (MALDI, 1998, p.5).

Reforçando a ideia estabelecida pela a autora em pauta, Rocha e Almeida (2005, p. 11) evidenciam que a territorialidade varia de acordo com o condicionamento cultural, meio social, atitudes políticas e motivações ideológicas, elas utilizam do pensamento de Sanguin (1977), que afirma que o conceito de territorialidade carrega consigo um sentido profundo de pertencimento e de permanência.

Sendo assim, ao relacionarmos a ideia da territorialidade aos grupos de capoeira percebemos que esta pode ser manifestada nos mais diversos ambientes que seus integrantes utilizam, apropriando-o e estabelecendo uma relação que para outras pessoas pode não existir, uma vez que a territorialidade não é algo visível (FERRACINE, 2006).

Nesta perspectiva a territorialidade cria a função de um fenômeno de representações, onde os grupos de capoeira constroem sua relação com a materialidade, ao passo da construção dessa materialidade estes grupos estabelecem uma relação com o território, onde estes passam a exercer uma função de mundo vivido ou simplesmente “espaço vivido”.

TERRITÓRIO COMO ESPAÇO VIVIDO

Partimos do pressuposto que as relações tecidas no território pelos grupos de capoeira extrapolam o caráter meramente funcional, ao

observamos os grupos treinando, e principalmente realizando suas rodas é perceptível que naquele momento o espaço ocupado passa a exercer uma função que na maioria das vezes só quem está inserido dentro daquele contexto consegue compreender.

Estes espaços acabam por incorporar uma carga de subjetividade. As inúmeras manifestações vivenciadas no universo da capoeira propiciam a vivência de elementos que englobam a tradição e a ancestralidade conferindo ao território um aspecto de mundo ou “espaço vivido”.

De acordo com Bonnemadson (2002, p.110), o espaço vivido seria um “espaço-movimento”, formado pela soma de lugares e trajetos que são usuais a um grupo ou indivíduo. Lira (2017), em sua tese associa tal termo ao espaço onde determinada pessoa realiza suas atividades, estabelecendo desta forma um grau de relação.

Diante dos conceitos aqui apresentados é estabelecida a relação da apropriação dos capoeiristas dos territórios como espaço vivido partindo do princípio de que o espaço está relacionado diretamente com a forma como os capoeiristas se expressam e com a significação dos lugares para aqueles que adquirem experiência nestes espaços.

Um exemplo de materialização deste território enquanto espaço vivido no universo da capoeira seria o ritual da roda de capoeira, momento que está diretamente ligado a subjetividade, intuição, sentimentos, experiências e simbolismo, privilegiando o singular e não o universal. Considerando os sentimentos mais íntimos do sujeito na interpretação e percepção do espaço vivido (LIMA, 2014, p.8).

A roda de capoeira expressa diferentes linguagens, formando um espaço percebido, imaginado e concebido (KATUTA, 2011). Representa dessa forma, o próprio espaço vivido aonde se dão as experiências que possibilitam a realização dos lugares [...]

Ainda segundo a autora,

O jogo de capoeira permite a construção de laços sentimentais, pois ela apresenta inter-relação entre quem toca, canta ou joga, nota-se a admirável percepção espacial dos capoeiras nas rodas, o tempo da roda é fundamental, pois permite outras experiências no espaço, tão qualitativas como vadiar na roda com um amigo, e tão intenso como ser presenteado com uma rasteira ou uma chamada (LIMA, 2014, p.9).

Sendo assim, estudar determinada manifestação cultural como a capoeira por meio das relações que são tecidas / estabelecidas com o território torna-se uma forma de entender o espaço vivido, espaço este que possibilita vivenciar experiências, favorecendo uma melhor compreensão e de certa forma até mesmo resgatar sentimentos de identidade e pertencimento daqueles que estão inseridos dentro do processo (CALLAI, 2003).

CONCLUSÃO

É necessário ressaltar que às análises e informações coletadas neste artigo não tem o objetivo de esgotar o assunto abordado. Ao contrário, espera-se que seja mais um fomentador de discussões envolvendo as relações estabelecidas entre o mundo da capoeira e os territórios.

A capoeira enquanto uma manifestação cultural brasileira estabelecendo como fundamento a trajetória histórica apresentada age como um elemento agregador dentro do território enquanto espaço vivido.

A reflexão estabelecida sobre o conceito de território torna-se a base para investigação de estudos futuros, sendo este artigo um trabalho preliminar, onde estas análises iniciais foram à base de investigação para fundamentar o trabalho de campo que foi realizado na pesquisa de dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS

BONEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia Cultural (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-131.

BREDA, O. Capoeira com crianças no Rio de Janeiro: a capoeira como prática educativa transformadora. **Revista Educação pública (online)**, 2010. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_fisica/0009. Acesso em: 15 jan. 2018.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2003. Coimbra. **Anais [...]**. Coimbra, 2003, p. 1-10. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2016.

CAPOEIRA, N. **Galo já cantou**. Rio de Janeiro: Arte Hoje, 1985.

DOSSAR, K. Capoeira: an African based tradition in United States. **JoperdReston**, v. 62, n. 2, p. 42-44, Feb. 1991.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo**: e a construção da práxis capoeirana. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FERRACINI, R. A. L. **O Espetáculo na Praça**: Territorialidade, Identidade e Rituais Negros na Cidade de Goiás. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de GOIÁS, 2006.

FERREIRA, T.J. **A capoeira na escola**: a Lei 10.639/2003 como política pública afirmativa. Monografia (Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça) - Universidade Estadual de Goiás, Águas Lindas, 2014

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. A. História da Capoeira. **Revista de Educação Física**, Maringá, v.13, 2002.

HAESBAET, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF, São Paulo: Contexto, 2006.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. Etc.: **Espaço, Tempo e Crítica**, Niterói, UFF, v. 1, n. 2, p. 39-52, ago. 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Registro e salvaguarda da capoeira como Patrimônio da cultura brasileira**. Brasília: IPHAN, 2007.

LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana**. Tradução Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, R. R. de. O estudo do lugar através das múltiplas manifestações da capoeira no espaço escolar: Experiências da capoeiragem em ourinhos-SP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRÁFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ISBN, 2014. p. 1 - 11.

LIRA, J. R. de O. **Migração e mobilidade na fronteira**: concentração de imigrantes internacionais e formação de espaços de vida na Amazônia brasileira, 2017. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.2, n. 1, p. 67-81, jan./jun. 2020. ISSN: 1677-8049.

MALDI, D. A questão da territorialidade na etnologia brasileira. *In: Sociedade e Cultura*. v.1, n.1, p.1-17, jan./jun. 1998.

MASSEY, D. **Pelo espaço**. Tradução: Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MELLO, A. S. Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou da motricidade brasileira. **Revista Discorpo**, São Paulo, n. 6, p. 29-39, 1996.

RADICCHI, M. R. **Capoeira e escola**: significados da participação. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Lurdes Bertol; ALMEIDA, Maria Geralda. Cultura, mundo-vivido e território. *In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE*, 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p.1-13. Disponível em: https://geounicentro.webnode.com/_files/200000147-a7c5aa7c5b/ROCHA%20e%20ALMEIDA%20cultura%20mundo%20vivido%20territorio.pdf. Acesso em: 25 ago. 2016.

SANGUIN, A-L. **La géographie politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. O retorno do território. *In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de.; SILVEIRA, M. L. Território, Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 15-20.

YAHN, C. A. de C. Um canto de luta e liberdade ecoa na Capoeira Angola. *In: COLÓQUIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS*, 2., 2010, São Paulo, SP. **Anais [...]**. São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/carlaalves.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.